

Um diálogo sobre ausências

A dialogue on absences

Ismael Silva dos Santos



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10579>

DOI: [10.4000/pontourbe.10579](https://doi.org/10.4000/pontourbe.10579)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Ismael Silva dos Santos, «Um diálogo sobre ausências», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2020, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10579> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10579>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Um diálogo sobre ausências

A dialogue on absences

Ismael Silva dos Santos

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 08/04/2020

Aceitação / Accepted 02/03/2021

- 1 Essa fronteira entre antropologia e urbanismo tem cada dia se dilatado. Debruçar sobre a cidade nunca antes foi tão importante como nos dias atuais, mas não mais a cidade dentro desse olhar arquitetônico paisagisticamente, não mais no intuito de uma necessidade meramente urbanista desenvolvimentista. Falamos de corpos, de encruzilhadas, de transe e, sobretudo, de diálogos - disputas ou silenciamentos. Uma cidade que se alimenta da e na ausência de alguns corpos. Os estudos Afros Brasileiros são de suma importância para pensar os possíveis lugares dos corpos negros nessa sociedade. Nina Rodrigues (1900), Manuel Querino (1906), Edison Carneiro (1937) e não podemos esquecer Ruth Landes (1938), “A cidades das mulheres” é um clássico para entendermos o papel político-social das mulheres negras afro-religiosas para cidade de Salvador. Há uma vasta produção socio-antropológica inaugurada com o Projeto UNESCO na década de 1940, alguns de maiores relevância como Roger Bastide (1941) pensando os cultos afro-brasileiros e o antropólogo francês Pierre Verger (1946) acrescido da fotografia como uma tecnologia necessária para materialidade de seus pensamentos e diálogo com esse povo.
- 2 O professor Gilberto velho (2011) vai apontar que os artistas e escritores em geral através de sua arte são capazes de captar com sutilezas e argúcia um tanto da sociedade em sua época. É com essa inquietação que nasce a necessidade de fazer um ensaio sobre a “Ausência”, ainda que isso seja um tanto dicotômico, pois o que chamo de ausência é construído na presença ou na materialidade desses corpos. A cidade que olhamos é Salvador - BA, ainda que seja conhecida pela narrativa de ser a maior concentração de negros fora da África isso é um tanto imperceptível na construção de um protagonismo

intelectual discursivo, dada as condições existenciais e o lugar que essa massa ocupa historicamente na condução geopolítica da cidade.

- 3 As imagens que apresento aqui é parte de uma caminhada que não tem a pretensão de se esgotar, há muito que se caminhar ainda. Essas fotografias, corpos imagetivamente materializados, foram realizadas no carnaval de Salvador (2020) e na Feira de São Joaquim ou Água de Menino, como popularmente é conhecida, no mesmo ano. É um testemunho ocular como diria Peter Burke (1937) ou podemos pensar como a materialidade de uma experiência corpórea negra diaspórica. A fotografia como bem advoga Boris Kossoy (1941), no seu livro “História & Fotografia” é o atravessamento ou o filtro do fotógrafo. Corpo, espaço e tempo se entrecruzam nesse ensaio para pensarmos sobre vulnerabilidade, o que Fanon (1986) vai chamar dos “condenados da terra”, corpos cansados e marcados pelo tempo existencial.



Feira de São Joaquim, Salvador - BA, 2020. Água de menino.



Carnaval de Salvador - BA, 2020. Catadores de latinhas de cerveja



Carnaval de Salvador - BA, 2020. Catadores de latinhas cerveja.



Carnaval de Salvador - BA, 2020. Catadores de latinhas de cerveja



Feira de São Joaquim, Salvador - BA, 2020. Água de menino.



Feira de São Joaquim, Salvador - BA, 2020. Água de menino.

BIBLIOGRAFIA

BASTIDE, Roger. O candomblé da Bahia. São Paulo: Nacional, 1961.

BURKE, Peter. Testemunha Ocular. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAIUBY NOVAES, S.. O silêncio eloquente das imagens e sua importância na etnografia. Cadernos de Arte e Antropologia, v. 3 No 2, p. 57-67, 2014.

CAIUBY NOVAES, S.. A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia. Iluminuras (Porto Alegre), v. 13, p. 11-29, 2012.

CARNEIRO, Sandra & SANT'ANNA, Maria Josefina (orgs). Cidade: olhares e trajetórias. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CARNEIRO, Edison. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

DAMATTA, Roberto. 1978. "O ofício do etnólogo ou como ter 'anthropological blues'". In: Edson de Oliveira Nunes (org.), A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1979. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar Ed

FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERNANDES, Florestan. 1965. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo: Dominus/EdUSP

KOSSOY, Boris. Fotografia e História. São Paulo: Editora Ática, 1989.

LANDES, Ruth. 2002. A Cidade das Mulheres. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 352 pp.

MILLS, Wright C. 1956. The power elite. Nova York: Oxford University Press.

____. 1959. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar

QUERINO, M. O colono preto como fator da civilização brasileira. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 37 p. 1918.

RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. 6.ed. São Paulo: Ed.Nacional; [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

VELHO, Gilberto. A Utopia Urbana: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973 (1ª edição)

VERGER, Pierre. Retratos da Bahia. Salvador: Corrupio, 1980.

AUTOR

ISMAEL SILVA DOS SANTOS

Mestrando em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia - PPGA - UFBA,

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Fotografia documental.

E-mail: ismaelpnafricanista@gmail.com